

O TREM *da* HISTÓRIA

ANO 7 - Nº 23

MAI / SET - 97

BOLETIM INFORMATIVO DO SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO



O FASCÍNIO DAS ÁGUAS

Conheça, finalmente, as três mulheres do Sabonete Araxá que inspiraram o poeta Manuel Bandeira (1886-1968). Página 09.

PÁG. 3

QUEM FOI QUEM

Escola Cantorum. Banda Infantil do Colégio Dom Bosco. Escola Técnica de Comércio Salesiana. Três experiências do passado legadas pela sabedoria do Padre Clóvis Ramos Costa Vila Nova.

PÁG. 4

O CORREIO DE ARAXÁ - AOS 40 -

Nos últimos quarenta anos "O Correio de Araxá" noticiou a história da cidade. Nesta edição, o Trem da História reconstitui a história do Correio de Araxá.

PESQUISAS... em andamento

O Setor de Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto está realizando estudos específicos que se encontram no estágio de levantamento de dados. Depois de coligidos, estes dados são submetidos à análise histórica para posterior publicação. É importante lembrar que os temas não são analisados isoladamente. Ao longo da pesquisa eles se completam e se integram num contexto histórico maior.

Para que os leitores de O Trem da História participem do processo de elaboração das pesquisas e da reconstituição da memória coletiva da cidade, relacionamos os principais temas em estudo nos últimos meses e que serão publicados posteriormente.

São eles: O Complexo - Grande Hotel, Termas e Fontes - do Barreiro; O Futebol, através das associações esportivas e dos seus times; As Irmandades de Araxá; O Trianon; A origem das famílias Afonso de Almeida e Baptista da Costa.

Se você puder participar enriquecendo nosso trabalho, procure-nos.

FAZENDO HISTÓRIA

ESCOLA DE MÚSICA

Alunos e professores da Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo fizeram sua primeira apresentação musical no dia 24 de abril de 1997 no auditório da CEMIG. Contaram com a presença de várias pessoas de nossa comunidade.

RETRATOS DE MULHER

"Retratos de Mulher" foi tema da exposição deste ano em homenagem ao "Dia das Mães". Foram 40 telas pintadas na versão de diversos artistas plásticos, na maioria, araxaenses, retratando mulheres de nossa cidade. Essa mostra realizada no Museu Dona Beja, através do Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto, aconteceu nos dias 11 a 31 de maio de 1997. O Prefeito Ministro Olavo Drummond também participou deste evento com um poema homenageando a mulher araxaense.

ARTESANATO

O Artesanato da Fundação Cultural Calmon Barreto adquiriu um espaço no Shopping de Fábricas na BR 262, desde sua inauguração no mês de março de 1997. O objetivo é divulgar e comercializar a sua produção bem como apresentar aos visitantes a arte de suas tecelãs.

HOMENAGEM

A Fundação Cultural Calmon Barreto e a Escola de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo prestaram justa homenagem ao Revmo. Pe. Clóvis Ramos Costa Vila Nova dando o nome dele à Banda de Música dessas instituições. A solenidade realizada no dia 24 de maio, reuniu na sede da Fundação um número considerável de autoridades, ex-alunos e amigos do mestre. Padre Clóvis marcou época em Araxá, nas décadas de 40 e 50, quando aqui desempenhou seu papel de Maestro, criando a Banda Infantil Dom Bosco.

Carta do Leitor

Timóteo, 9 de junho de 1997

Caríssimas,
Ganhei o exemplar nº 22 de "O TREM DA HISTÓRIA" e me surpreendi com a qualidade dos textos e da publicação. Sou fanática por leitura referente às histórias mineiras e resgates da memória. Gostaria de receber todos os exemplares para conhecer tudo sobre a história de Araxá. (...)
Grata,

Maria Ângela Araújo Paiva Moraes"

SEMINÁRIO DE FUNDAÇÕES

A Fundação Cultural Calmon Barreto participou, nos dias 5, 6 e 7 de junho em Uberlândia, do seminário promovido pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais, através da Promotoria Especializada de Fundações. Teve a oportunidade de apresentar os trabalhos e projetos aqui realizados e de se enriquecer na troca de experiências com as demais Fundações participantes.

MARKETING CULTURAL

O II Seminário de Marketing Cultural do Triângulo e Alto Paranaíba, realizado, em Uberlândia nos dias 27 e 28 de junho deste ano, também contou com a participação da FCCB. O Seminário discutiu o mercado cultural e as leis de incentivo.

ARTE-EDUCAÇÃO

Visando a uma maior integração entre os museus e as escolas, o Museu Dona Beja abriu suas portas, no período de 10 a 25 de junho, aos alunos do Curso de Iniciação Artística do CEM - Centro Educacional Moderno. Foram expostos os trabalhos realizados sob a orientação da professora Valéria Patrícia Martins dos Reis e inspirados nas obras dos pintores Monet e Aldemir Martins.

SYLVIA BARRETO

A Fundação Cultural Calmon Barreto, através do Setor de Patrimônio Histórico, promoveu no Museu Dona Beja, de 8 a 31 de julho exposição de Aquarelas da renomada artista Sylvia Serra Barreto. Esposa do restaurador e artista plástico Fernando Barreto, possui rico e extenso currículo.

"COMO PAPAÍ SE DIVERTE?"

Aconteceu, nos Museus Calmon Barreto e Dona Beja, durante o mês de agosto, exposição dos trabalhos dos alunos das Escolas Rotary, Centro Educacional Moderno e Núcleo Educativo Monteiro Lobato. Através de pinturas, desenhos, maquetes, redações e vídeo, as crianças homenagearam seus pais inspirados no tema: "Como papai se diverte?".

EUDÓXIA DE BARROS

Araxá viveu momentos especiais no dia 07 de agosto, no Teatro do SESI, assistindo ao concerto de Eudóxia de Barros, uma das melhores pianistas brasileiras. O evento, mais uma iniciativa do Setor de Promoções Culturais e Eventos, teve como patrocinadores Banco do Brasil, Empreendimentos Akel Ltda., Rio-Sul Linhas Aéreas, Sistema SESI/SENAI - Araxá, Vecol e Virgilius Palace Hotel.

Editorial

Em 1997, faz oitenta anos que foi colocado o alicerce para a construção da Igreja Matriz de São Domingos. O Clube Brasil completou os seus sessenta anos e, há cinquenta, os partidos políticos locais disputavam eleições através do voto direto, depois do longo período da ditadura Vargas.

A Escola Estadual Dr. Eduardo Montandon também comemora o seu cinquentenário enquanto o Correio de Araxá chega aos quarenta.

Quem quiser pesquisar a história da cidade na segunda metade do século ou, simplesmente, encontrar referências sobre os anos noventa, poderá se fundamentar nas edições do "Correio". Chegou-se a esta conclusão após mais de três meses de trabalho em que se leu página por página, edição por edição, ano por ano, desde 1957. Embora a sua seja considerada uma história recente, nela ficam evidenciados aspectos gerais da evolução de Araxá e, muitos outros, específicos. Desses, alguns são abordados nessa edição, como a influência da educação salesiana em determinados momentos ou o fascínio exercido pelas águas minerais do Barreiro nos homens de negócios e no poeta Manuel Bandeira.

Nota da redação - Essa edição contou com o apoio de duas grandes empresas que sempre entenderam que é necessário preservar a memória dessa cidade: COPASA e GRUPO ZEMA.

O TREM DA HISTÓRIA

EXPEDIENTE

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

Lygia Cardoso Maneira
PRESIDENTE

SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES

Glaura Telxreira Nogueira Lima
Ariadne Célida Ferreira
PESQUISA

Glaura Telxreira Nogueira Lima
TEXTO

Lilian Raquel da Silva
COLABORAÇÃO

Elaine Denise de Oliveira
JORNALISTA RESPONSÁVEL - DRT/DF 2089/80

Antônia Verçosa
REVISÃO

Imagem Propaganda
LAY-OUT



FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

PRAÇA ARTHUR BERNARDES, 10 - ARAXÁ - MG - CEP 38180-000
FONE (034) 662.1033 - RAMAIS 2260, 2262, 2263 - FAX (034) 662.1262

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ



QUEM FOI QUEM

PADRE CLÓVIS

O Colégio Dom Bosco de Araxá não havia completado ainda uma década de existência quando aqui chegou, em 1937, o Padre Clóvis Ramos Costa Vila Nova. Veio para trabalhar como Conselheiro da Congregação Salesiana permanecendo, por dois anos, período suficiente para implantar a Escola Cantorum.

Assim denominada pelo próprio Padre Clóvis, esta escola foi, na verdade, um grupo por ele selecionado para formar um coral e representou a semente da Banda, mais tarde constituída. Depois de realizar testes de voz com os alunos, submetia-os a treinamentos e ensaios na capela do Colégio onde aconteciam as apresentações ao público. Na Igreja Matriz de São Domingos, durante a missa das 10 horas do domingo, a Escola Cantorum era regida ao órgão pelo mesmo padre músico e maestro, cantando músicas em latim. Em 1939 Padre Clóvis deixou Araxá e em 1943 retornou à nossa terra. Enquanto o Brasil enviava soldados à Itália para lutarem na 2ª Guerra Mundial, operários e engenheiros trabalhavam na construção do Grande Hotel do Barreiro. Enquanto os pilotos do Aero-club local sobrevoavam o recém-inaugurado Estádio Fausto Alvim fazendo apresentações, o vigário Padre Emílio Philippini dirigia a Paróquia de São Domingos. Nesse mesmo tempo, Padre Clóvis, professor e confessor, proporcionava aos seus alunos do Colégio Dom Bosco a oportunidade de conhecerem diversas facetas da vida humana.

SABEDORIA

Não só ensinou-lhes os conteúdos do núcleo comum exigidos pelo currículo escolar mas também estabeleceu as bases necessárias à formação de suas personalidades consolidadas em virtudes como justiça, perseverança, misericórdia, temperança e simplicidade. Padre Clóvis é, na visão do ex-aluno, empresário Edgard Maneira, aquele por quem manifesta gratidão a Deus por ter



Composição da Banda em 1948. Ao centro, Padre Clóvis. Arquivo SPH FCCB Doação de Luis Carlos Guimarães.

existido, pois, "nos transmitiu de maneira concreta os conhecimentos que sábios, filósofos e santos legaram à cultura e à sabedoria humana".

Permitiu aos alunos salesianos expressarem as diversas formas da nossa cultura despertando os dons que possuíam para o esporte, para o teatro e para a música.

Desde então tornou-se memorável na lembrança daqueles estudantes da Banda de Música - Banda Infantil Dom Bosco - criteriosamente formada pelo Padre Clóvis e que atuou, por dez anos, no cotidiano e nos eventos especiais de Araxá e de várias outras cidades. Personificado com o seu criador aquele grupo foi, indiscutivelmente, denominado como a "Banda do Padre Clóvis".

VOCAÇÃO

A sua vocação para o exercício pleno da fé católica é por ele atribuída a Deus e aos seus

pais. Como filho do médico Miguel Cursino Vila Nova e da professora Sophia Ramos Costa Vila Nova, recebeu lições de religiosidade e de proteção pelos mais necessitados. Com ele, mais três dos seus irmãos tomaram-se salesianos.

ORIGEM

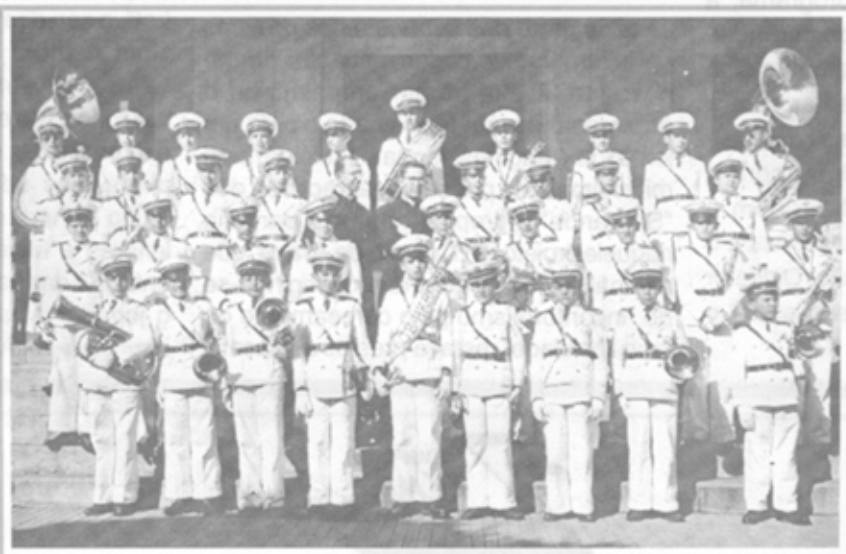
Sua cidade de origem é Batatais, no Estado de São Paulo, onde nasceu em 16 de fevereiro de 1909. Lá estudou no Colégio São José dos Padres da Congregação do Verbo Divino. Deixou Batatais para concluir os estudos

no Ginásio do Estado em Ribeirão Preto. Mais tarde foi para o Seminário de Lavrinhas onde fez o curso de Filosofia e o Noviciado. Os votos perpétuos foram realizados em São Paulo no ano de 1934.

Durante os anos de 1933 a 1936, estudou Teologia em Santa Terezinha, São Paulo. Foram estes anos os únicos de sua vida, de 1930 até hoje, em que não atuou como maestro de banda.

A sua permanência em Araxá, no período entre 1943 e 1953, rendeu ao colégio e à cidade, um trabalho reconhecidamente dedicado à formação pessoal, profissional e cristã dos alunos. Exerceu não somente as funções de professor, mas também de diretor por dois anos (1951-1953). A mente fértil e criativa de Padre Clóvis legou-nos, ainda, a fundação da Escola Técnica de Comércio Salesiana transformada, posteriormente, em Escola Técnica de Comércio de Araxá.

Por iniciativa da Fundação Cultural Calmon Barreto e da Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo, Padre Clóvis retornou a Araxá no dia 24 de maio de 1997. O objetivo era fazer reviver a sua banda através dos estudantes da atualidade. As duas instituições haviam denominado Banda Municipal "Padre Clóvis" ao novo grupo formado. Assim a cidade reconheceu o trabalho do maestro na área da cultura e da arte.



Composição da banda em 1945. Ao centro, Padre Clóvis e Padre José Três. Arquivo SPH FCCB. Doação de Luis Carlos Guimarães.

Fonte:
- Arquivos do SPH da Fundação Cultural Calmon Barreto
- Depoimentos: Padre Clóvis Ramos Costa Vila Nova, Ministro Olavo Drummond, Edgard Maneira, Júlio César Goulart, Walter Cardoso e Paulo Cardoso.

O CORREIO DE ARAXÁ

AOS 40

Em 1950 circulava na cidade "Araxá Esportivo", jornal dirigido por Atanagildo Côrtes. Como em geral, naqueles tempos, os jornais tinham curta existência, Atanagildo se viu, em 1952, chefiando a equipe responsável pelo "Jornal de Araxá", em sua quarta fase.

Ainda nos anos 50, dois programas - "Alma de Boêmio" e "Panorama Esportivo" - constavam da programação da Rádio Imbiara. Ambos eram redigidos e apresentados por Atanagildo Côrtes. O primeiro deles caracterizava-se como lítero-musical e era inspirado em "Salão Grená", sucesso de uma emissora carioca, na época. Nele o apresentador alternava trabalhos literários de sua autoria com músicas (tangos, preferencialmente) e poesias de autores consagrados. O segundo reproduzia diariamente as disputas (no campo e, também, fora dele) entre Najá e Ipiranga, os dois times que dividiam a preferência da cidade.

A paixão do público araxaense, claramente manifestada através da rivalidade entre os dois tradicionais times, refletia-se na repercussão do programa. Antes de ir ao ar, ele era submetido à aprovação de Geraldo Porfírio Botelho, um dos diretores da Rádio.

Em 1957, quando Atanagildo revezava-se com Raymundo Sarkis na função de comentarista esportivo do programa, a performance deste último foi, certo dia, criticada. Apesar de o programa ter sido aprovado anteriormente e estar com a assinatura do diretor, conforme exigência da emissora, o fato culminou com a demissão de Sarkis. Solidário com o companheiro, Atanagildo providenciou o seu próprio pedido de demissão. O diretor acatou-o, embora manifestasse, antes, o seu pesar.



Joaquim Evandinack Porfírio de Azevedo.
Acervo Regina Porfírio de Azevedo.

Esse episódio provocou não só a publicação de uma carta aberta de Atanagildo a Geraldo Porfírio Botelho, mas também um contato mais próximo com o Professor Joaquim Evandinack Porfírio de Azevedo, proprietário da Gráfica Rex onde fora impresso aquele documento.

UM NOVO JORNAL

Já fazia parte dos sonhos e dos projetos do jovem comunicador a criação de um novo jornal. Ao lhe ser apresentado o orçamento da já referida carta e o de um jornal de 4 páginas, formato tablóide, com mil exemplares por semana, recebeu dos "Sr. Vande" a proposta de uma parceria naquele projeto. O "Correio de Araxá" que na análise do seu atual diretor originou-se do "inconformismo pelo cerceamento de uma liberdade", estava prestes a nascer.

As bases do acordo entre Atanagildo e "Sr. Vande" foram assim estabelecidas: o primeiro cabia a gerência, a redação, o agenciamento dos anúncios, das assinaturas e trinta por cento de toda a renda do jornal; ao segundo e à Gráfica Rex, a posse do novo veículo de comunicação, a sua direção, a escolha do nome do semanário e o direito de escolher o editorial de lançamento.

Para que a edição primeira do jornal chegasse aos leitores de Araxá, no domingo, dia 12 de maio de 1957, foi feito um investimento em material gráfico. O Sr. Evandinack, que àquela altura era sócio do Cine Trianon, músico da Orquestra dos Irmãos Porfírio de Azevedo e proprietário da gráfica, diversificou ainda mais suas atividades.

Na edição inaugural foram publicadas notícias da Prefeitura, na gestão de Domingos Santos, e uma poesia sobre o dia das mães, escrita pelo então Juiz de Direito, Dr. Walter Machado. Uma coluna intitulada "Você Sabia?" trouxe notas sobre a história de Araxá e

sobre curiosidades.

Houve participação de colaboradores como Dr. Heitor Gentil Montandon, Vander de Castro Alves e de outros articulistas que se utilizavam de pseudônimos. A coluna social - Elite - foi assinada por "Consuelo" (na verdade, Wafra Tannús); "João da Vila" nada mais era do que João Geraldo Perfeito, "Scaramouche", o próprio redator do jornal e "Ajax, Mister Pangloss e Gil Lot", o seu diretor, Joaquim Evandinack. Com o título "Celeiro Inesgotável de Craques" abriu-se um espaço para divulgação do esporte, com destaque para o futebol local, como pode ser observado, ainda, nas edições da atualidade. Por muito tempo, o Correio apresentou aos leitores a história dos seus craques. O enfoque daquela primeira edição foi para o jogador Álvaro Maneira ou, conforme anunciou-se, Álvaro Xaxá (Coquinho).



Apoiando a preservação da memória de Araxá.

A repercussão do primeiro número pôde ser sentida nas mensagens de incentivo e congratulações recebidas. Anunciantes, embora em número pequeno, também apoiaram a iniciativa, especialmente, a Empresa de Transportes Minas-Goiás que acompanhou o jornal por quase vinte anos ininterruptos.

A GRÁFICA REX

A tipografia estava recém-instalada na Av. Antônio Carlos, no cômodo ao fundo da antiga Elétrica Jamati. Na sua oficina produzia-se o jornal através de uma impressora Guarany, de platina, manual, com formato 4, de fabricação nacional e que, ainda hoje, pertence ao acervo da Gráfica Santa Adélia.

Ali, trabalhavam como impressor e gerente, um tipógrafo carioca conhecido como "Seu Júlio" e uma equipe de gráficos formada por Carlos Reis, Eurípedes Caixeta, Eurípedes Machado, Reynaldo Baptista, José Vinaud e Antônio Achilles França.

Os Correios e Telegráfos entregaram à cidade a primeira edição. Com Atanagildo à frente de todas as etapas de produção, a expedição e o endereçamento (com oferecimento de assinaturas) tiveram a participação solidária dos seus amigos e de sua mãe, Adélia de Oliveira Léllis.

Se o primeiro assinante foi Sebastião de Affonseca e Silva (que legou coleções de jornais locais, hoje arquivadas na Fundação Cultural Calmon Barreto), o segundo a entrar para a história do **Correio**, como assinante, foi o Dr. Alvim Jacob Saade.

As edições dos dois anos seguintes contribuíram para que o **Correio de Araxá** se afirmasse perante a opinião pública. Em suas páginas, naquele fim de década, liam-se as notícias da cidade de pleno interesse da população.

Tão logo se cogitou a construção da estrada Araxá-Franca, o **Correio** lançou-se em favor da obra. Noticiou o arrendamento do Grande Hotel pela empresa Quitandinha, do Rio de Janeiro, a insatisfação dos moradores da Praça Coronel Adolpho com o projeto de construção do Mercado Municipal, a visita do ex-presidente João Goulart e muitas outras sobre a política no tempo do PSD, UDN e PTB. Àquela altura, comemorava-se mais

um aniversário da Biblioteca Pública Municipal e a inauguração da Rádio Operária.

A "MESA DA GERÊNCIA"

A "Mesa da Gerência" era o editorial, sob a responsabilidade do redator-gerente. Esse chegou a utilizá-la, naquele tempo, para denunciar a posição apática do Governo Bias Fortes em relação a Araxá, para tratar de questões do futebol local, da exploração de apatita pela Camig e de outros temas polêmicos.

Foi também em forma de editorial que Atanagildo Côrtes comunicou o seu afastamento - mesmo que provisório - da gerência do jornal. Como funcionário do Banco Minas S.A., foi pressionado pela sua direção a abandonar o jornal ou o emprego. Isso aconteceu por ele ter noticiado um fato administrativo envolvendo políticos da cúpula do Banco. Dr. Heitor Gentil Montandon assumiu a função do redator-gerente enquanto se resolvia a questão. Uma vitória parcial de Atanagildo o fez reassumir a gerência mas não o impediu de perder o emprego quando o forçaram a transferir-se de cidade e ele não aceitou.

Ao mesmo tempo em que se instalava a Distribuidora e Exportadora de Minérios Araxá - DEMA, precursora da CBMM, uma "Comissão de Incremento ao Turismo" era formada por cidadãos conscientes da importância da atividade turística. Na verdade, a opinião do **Correio** e de muitos

dos seus colaboradores apontava a situação crítica das Termas e a necessidade de melhoria das pistas de pouso da cidade. Eram publicadas, também, denúncias de visitantes quanto ao estado do Complexo Hidromineral do Barreiro, quinze anos depois de sua inauguração. Se o turismo revelava os primeiros sinais de sua decadência, ainda se realizavam aqui conferências e congressos, "JK ordenava o asfaltamento do Aeroporto Romeu Zema" e era aguardada a visita do Presidente da República por ocasião da exposição agropecuária. Com ele viriam governadores de vários estados.

Outros temas como a fundação da UMESA - União Municipal dos Estudantes Secundaristas de Araxá - e a eleição de Miss Araxá chamavam a atenção constante do leitor assim como os textos de diversos cronistas e, dentre eles, o jovem e talentoso "Amon" ou seja, Ronan Soares, hoje, editor de programas jornalísticos, da Globosat, no Rio de Janeiro.

OS OBSTÁCULOS

Dedicando-se totalmente às atividades jornalísticas, Atanagildo fundou e dirigiu a revista "Araxá Magazine", ao lado de Arnolde de Castro, Dr. Heitor Gentil Montandon e Paulo Gomes. Chegou a publicar uma edição por mês durante um ano. "O Correio de Araxá nunca foi uma caixa registradora e, até hoje, só vendemos



Magalhães Pinto em visita à Gráfica Rex. Da esquerda para a direita: em pé, Atanagildo Côrtes, Arnolde de Castro, da imprensa local, Deputado Dr. José Humberto Rodrigues da Cunha, Oswaldo Pierucetti, prefeito de Belo Horizonte, Edgard Maneira, diretor da Hidrominas e Jayme Dumont, presidente da UDN local. Ao centro, José de Magalhães Pinto, governador de Minas Gerais. Década de 60. Acervo Atanagildo Côrtes.

Há 24 anos passamos a fazer parte da história de Araxá.

COPASA MG

Trazendo soluções

espaço, nunca a nossa opinião", enfatiza Atanagildo Côrtes. As sucessivas altas dos preços de papéis, tintas, materiais gráficos e postagem foram enfrentadas com forte dose de idealismo, pois os dois sócios não visavam a compensações financeiras. Não havia um departamento comercial nem dispunham de fotógrafo ou desenhistas exclusivos. No trabalho de jornalheiros, Atanagildo destaca aqueles que se transformaram em "grandes empresários e conceituados profissionais": Ellos Nolli, Antônio Ferreira Barbosa, Roberto Santos, Sílvio Genusdel e outros que hoje são médicos, advogados e gerentes de bancos. Depois de "Consuelo", o colonismo social foi exercido, provisoriamente, por "João do Baile", ou seja, Heitor Gentil Montandon. Mais tarde assumiu Clélia Pontes, a "Cinderela". Com o seu afastamento Maria Isabel de Ávila, a "Valentina", fez inúmeras promoções e registrou os movimentos sociais. Veio em seguida, Ronan Drummond Afonso Ribeiro substituído por sua irmã Rêjane. Cada um deles noticiou a sociedade dos anos 50 e 60.

NOS ANOS 60

Os anos sessenta foram aqueles em que os concursos de beleza celebrizaram as misses, o "Dauphine" foi lançado pela Willys e o ex-governador mineiro, Benedito Valadares, foi diplomado como cidadão araxaense.

O resultado do censo demográfico realizado pelo IBGE, em 1960, apontou Araxá com 28.452 habitantes. Esse número não intimidou a visão de futuro quando a Rádio Operária pensou na instalação de uma rede de TV nos seus estúdios.

A precariedade dos serviços de água, luz e telefone da cidade, entre outros temas, mereceram inúmeras crônicas publicadas por Hélio Ferreira, Lúcia Soares Ferreira e Sofia Tannús.

A vitória de Jânio Quadros para Presidente da República e de Magalhães Pinto para Governador de Minas foi confirmada também pelos eleitores araxaenses. Artigos sobre política nacional como os de Dr. Clodoveu Afonso de Almeida e Dr. Walter Bittar são importantes para evidenciar o momento político sob a ótica dos municípios.

A autorização para construir a "Avenida Araxá-Barreiro", a inauguração do SESC, da Capela São Geraldo, do Hospital São Marcos, do Hospital Dom Bosco, da AABB e a criação da Hidrominas preparavam a cidade para o seu centenário.

As denúncias quanto ao descaso do governo mineiro em relação à Estância do Barreiro confirmam diversas teorias sobre



Atanagildo Côrtes. 1958.
Acervo Correio de Araxá.

a sua inviabilidade nos anos que se seguiram. Mas, naquele momento, a corrida pela exploração dos minérios da terra começou a ocupar definitivamente o espaço do jornal e a atenção de muitos dos seus articulistas.

O CENTENÁRIO

Em todas as edições de 1965 esteve registrado o centenário de Araxá. Por iniciativa do **Correio**, a pianista Magaly Cunha - a miss do ano - foi convidada a compor uma música comemorativa à data, com letra de Ronan Soares. A "Favorita do Sol" cantada sempre, surgiu dessa parceria. Também a pedido do jornal, mais duas músicas marcaram dentre outras, os cem anos da cidade: "Araxá em tempo de valsa" (Hélio Alves Ferreira e Myrna Baroni) e "Canção à minha terra" (Hélio Alves Ferreira e Apulchro Porfírio de Azevedo).

O Presidente Castelo Branco e o Governador Magalhães Pinto (agraciado com o título de cidadão araxaense), naquele ano visitaram Araxá por ocasião do "1º Congresso Brasileiro de Desenvolvimento Regional". No final da década, o "Congresso Brasileiro do Banco de Desenvolvimento" reuniu no Grande Hotel, as maiores autoridades financeiras do país e traçou diretrizes para a industrialização mineira em especial.

Em 1965, Assis Chateaubriand inaugurou o Museu Dona Beja com uma exposição de telas inéditas na cidade. No museu, os Diários Associados instalaram, também, uma escola de tecelagem.

O mito Dona Beja e as previsões de "Maria do Correio" atraíam a atenção dos turistas que, junto à população local, assistiam às demonstrações do cachorro Sarampo. Os intelectuais, por sua vez, reuniram-se em torno da criação da Academia Araxaense de Letras.

No mesmo ano, discutia-se tanto a necessidade de escola pública secundária e de nível superior, quanto o déficit do Araxá Esporte Clube. Debatia-se sobre a união de indústrias e empresários com o objetivo de promover o crescimento da cidade e noticiavam-se as obras de construção da malha rodoviária ligando Araxá a Belo Horizonte, Uberlândia, Uberaba e ao Estado de São Paulo.

O centenário foi comemorado, oficialmente, com a inauguração do "Altar da Pátria" da Av. Antônio Carlos e um desfile pelas ruas. Houve missa, saudação do então prefeito Domingos Santos e a imagem do Cristo Redentor foi erguida, no Alto de Santa Rita, em área cedida pelo fazendeiro Pedro Valeriano. A placa comemorativa a esse evento traz um texto de Dr. Heitor Gentil Montandon, anteriormente publicado no jornal.

O "MILAGRE BRASILEIRO" EM ARAXÁ

Como indicavam as coberturas jornalísticas do **Correio** naqueles anos sessenta, observou-se um avanço industrial, atribuído à mentalidade de uma nova geração que assumia a liderança no mundo dos negócios. Prevvia-se que Araxá pudesse superar a expansão econômica de cidades como Uberaba, graças à instalação de novas indústrias, à modernização das fazendas, ao loteamento de terras e à construção de edifícios.

Enquanto se reivindicava uma sede para a ACIA, expandia-se o setor de crédito, financiamento e investimentos através da "Crediara". O clima de certa euforia parecia não se estender ao turismo. E não foi suficiente para eximir a cidade de apresentar "carência de mentalidade turística". Por muitas vezes, os araxaenses opinaram sobre a regulamentação do jogo no país, embora divergissem quanto à sua importância na solução dos problemas da Estância.

No momento em que anunciava a extinção de partidos políticos como o PSD, UDN, PTB e o nascimento da Arena e do MDB, denunciava-se, como hoje, a ausência da representatividade de Araxá na Assembleia Legislativa Estadual.

Joaquim Evandinack dirigiu o jornal até 15 de junho de 1969. A aquisição da Gráfica Rex e do Correio de Araxá por Atanagildo

e seu irmão José de Oliveira Côrtes, mereceu da nova direção um editorial no qual comunicava a alteração e reforçava o compromisso assumido em 1957. O jornal teve o seu nome preservado, mas a Gráfica passou a chamar-se "Santa Adélia".

Em 1969, apontou-se a falta de interesse dos araxaenses pelo seu Museu prestigiado quase só por turistas. Ficaram, também, registrados momentos como o retorno do Prof. Calmon Barreto à Araxá, a criação da "Escolinha Tia Lúcia" (APAE) e, finalmente, a inauguração da estrada Araxá-Franca.



Atanagildo Côrtes entrevistando Pelé em Araxá.
Acervo Atanagildo Côrtes.

AS CAMPANHAS

Se há uma característica histórica no papel exercido pelo **Correio de Araxá** durante as últimas décadas, é o fato de ele ter lançado inúmeras campanhas. Em diversos momentos, o lema ou a opinião do jornal atuou como um guia, mesmo que, para isso, confrontasse com a oposição de segmentos contrários.

Assim, ocorreu com a campanha a favor da "Araxá-Franca", a favor de vítimas de acidentes, de instituições filantrópicas, da questão separatista do Estado do Triângulo, da concentração em Araxá da Seleção Brasileira de Futebol, enquanto se preparava para a copa de 1958, e em defesa das nossas jazidas de minérios. Muitas outras ainda surgiriam como a da instalação da fábrica de ácido sulfúrico no final da década de 80.

Em 1970, depois de registrar o sucesso do Carnaval no Grande Hotel do Barreiro, a realização das filmagens de "Balada dos Infiéis", divulgam-se, ainda, os estudos sobre a jazida de apatita em Araxá.

No início dos anos 70, o **Correio** se preparava para deixar o prédio do Cine Trianon, onde se instalara anteriormente, e transferir-se para a sua sede própria. Renovaram-se as acusações de desinteresse do Governo do Estado para com a Estância do Barreiro e a necessidade de restauração, trinta anos depois de inaugurada. Enquanto isso, noticiava-se a construção da primeira etapa da Arafertil e sua posição como a de maior fábrica de fertilizantes da América Latina.

Se o ensino foi tema de reivindicação da década anterior, naquele momento a Escola Dom José Gaspar já era uma realidade, desde 1966, e o funcionamento da Faculdade (FAFI) há havia sido

autorizado bem como o da Escola Técnica de Mineração, a EMINAS. O Grupo Escolar Dr. Eduardo Montandon, o segundo a ser criado na cidade, comemorava seus 25 anos de existência.

No período em que estourou a crise internacional do petróleo, o **Correio** trazia com a manchete - "Petróleo em Araxá" - matéria sobre pesquisas do Professor Djalma Guimarães.

TROFÉU "O SOL"

Com denominação bastante apropriada, o jornal coordenou promoção, em 1974, instituindo o troféu "O Sol", como prêmio, àqueles que se destacaram, na cidade, no ano anterior.



Atanagildo entrevistando Garrincha em Araxá em 1958.
Acervo Atanagildo Côrtes.

Araxá foi agraciada, nos anos 70, com intensa produção artística do Prof. Calmon Barreto que, hoje, pode ser admirada em locais públicos e particulares. São desse período, o painel "Correio de Araxá" que reconstitui a evolução da imprensa na história da humanidade, o da Igreja Nossa Senhora do Rosário, os retratos dos ex-prefeitos, a escultura "O Garimpeiro" e outros. O reconhecimento pelo seu trabalho rendeu ao artista, por parte do governo mineiro, a Medalha da Inconfidência, também concedida, naquela época, a Atanagildo Côrtes, aos Professores Leonilda Montandon e José Geraldo de Faria e ao

atual Prefeito, Ministro Olavo Drummond. Deve-se ressaltar que Atanagildo foi condecorado, ainda naqueles anos, com a Medalha Santos Dumont, ao lado, novamente, do Ministro Olavo Drummond e de Humberto de Almeida.

Antes mesmo de assumir inteiramente a responsabilidade pela coluna Elite, no final da década de 70, Terezinha Côrtes assinou "Na Rota das Personalidades". Naquela coluna, buscava destacar o trabalho de muitos profissionais da cidade, como o faz, hoje, no jornal "O Tempo".

A LITERATURA NO "CORREIO"

Notícias alvissareiras como a do projeto que reestabeleceu eleições diretas para prefeitos nas Estâncias Hidrominerais e a perspectiva de arrecadar quase "75 Bi", em 1980, foram anunciadas com destaque.

Nos anos imediatamente anteriores, a CBMM e a VALEP (mais tarde, Fosfertil) uniram-se à Prefeitura para a construção de unidades residenciais, período em que se verificou considerável crescimento urbano.

O **Correio** foi o canal utilizado por muitos autores da terra para a publicação de contos, crônicas, ensaios, poesias e para a divulgação do lançamento de várias obras literárias. Muitos foram os objetos de inspiração como Dona Beja, a reabertura dos cassinos, a constante decadência do Grande Hotel e Termas, a morte do "Pau de Bimba" assim como outros temas históricos ou não e, finalmente, a preservação da Mata da Cascatinha.

Em 1986, a Medalha Santos Dumont homenageou a cidade, quando foi concedida ao "Correio de Araxá" por serviços prestados à municipalidade e a Minas Gerais.

Na mesma década de 80, o jornal uniu-se à comissão formada para arrecadar fundos para a campanha "SOS Igreja São Sebastião". Com o título "O Povo Venceu", noticiou o processo de recuperação e preservação do nosso mais antigo monumento religioso.

Como veículo de comunicação que tem acompanhado a vida da cidade e do seu povo, durante décadas, o jornal expressou o seu reconhecimento a alguns profissionais. A eles, concedeu o título de "monstro sagrado": Francisco Ferreira de Aguiar (Formiga), Heitor Gentil Montandon, José Geraldo de Faria, Paulo de Tarso Santos, Olavo Drummond, Jane Porfírio, Ângelo D'Ávila, Ronan Soares Ferreira, Santos Dumont Guimarães Júnior, Ronan Drummond Affonso Ribeiro, Álvaro Ribeiro, Jamil José Rage, Danilo Cunha, Ernesto Rosa Neto, Leonilda Scarpellini Montandon, Wander Montandon, Luís Carlos Santos, Múcio Porphyrio Ferreira, Cordélia Barreto, Fernando Barreto, José Orlando de Paiva, Calmon Barreto, Ronaldo Alencar Porfírio Borges, Aracely de Paula, Christiano Fausto Barsante Santos, João Bosco Silva, Maurício Cardoso Ribeiro, Maria Auxiliadora Chaer Lopes, Vander de Castro Alves, Edmar dos Santos, José Rodrigues Duarte, Antônio Carlos Drummond, Carlos Lemos.

NOS DIAS DE HOJE

A análise dos anos noventa, quando o Correio recebe mais uma comenda - Estado do Triângulo -, permite-nos refletir sobre o enfoque dado aos acontecimentos nos últimos quarenta anos.

Desde as primeiras edições de 1957, o esporte contou, sempre, com grande cobertura jornalística. Com estilos diferenciados, os eventos culturais e sociais foram amplamente divulgados, dividindo-se desde meados dos anos 80, entre Terezinha Côrtes e Ronaldo Ribeiro de Paiva.

Se observarmos a estrutura educacional da atualidade, veremos que a carência de instituições de ensino observada até a primeira

década do jornal já foi solucionada. As instituições filantrópicas, mesmo que ainda possam ser beneficiadas por futuras campanhas do **Correio**, hoje, somam maior número. Seguindo passo a passo a criação das instituições culturais vemos que todas elas foram realizadas, bem como as conquistas na área da saúde.

Se a política local esteve evidenciada nos últimos anos, mais ainda, esteve a questão ambiental que aqui reproduziu todas as inquietações próprias do tema.

Inúmeros articulistas e chargistas formaram o quadro do "Correio de Araxá" desde a sua fundação. Diante da impossibilidade de citá-los nominalmente, fazemos a sua representação através de Wagner Matias de Andrade e Walter Lúcio de Lima (chargistas) e Dr. Heitor Gentil Montandon, Vander de Castro Alves, Geraldo Porfírio Botelho e Dr. Waldir Luiz Costa (articulistas), entre os anos 60 e 70. Esses dois últimos que a geração mais nova não conheceu, encontraram-se com o leitor, semanalmente, através das suas opiniões expressas nas páginas do jornal. Os artigos por eles assinados agem como fortes indicadores daquele momento histórico e revelam a inteligência lúcida de dois homens que alcançaram inteira consciência do tempo e do mundo em que viveram. Como pesquisadores, chegamos a imaginar esses artigos reunidos em coletânea que poderá encerrar-se no dia em que faleceu Geraldo Porfírio Botelho e sobre ele escreveu Dr. Waldir Luiz Costa. Por exigência legal, o advogado, jornalista e agropecuarista, Jamil José Rage tem assinado, nas últimas décadas, como redator responsável pelo Correio. Depois

de ter iniciado sua carreira em grande jornais do Rio de Janeiro, onde chegou a ser premiado, retornou a Araxá. Aqui publicou artigos e, foi autor de uma entrevista com o Conde Matarazzo, considerada pela imprensa nacional como a única, até então, concedida pelo empresário.

NOTÍCIA MAIS CONSTANTE

Das notícias publicadas ao longo das quatro décadas, sem dúvida alguma, as questões em torno do Parque do Barreiro tiveram maior incidência e tornaram-se constantes no período.

Até bem pouco tempo, o Correio de Araxá esteve vinculado à Gráfica Santa Adélia. Hoje integra as Organizações Atanagildo Côrtes, das quais ainda faz parte o Jornal "O Tempo".

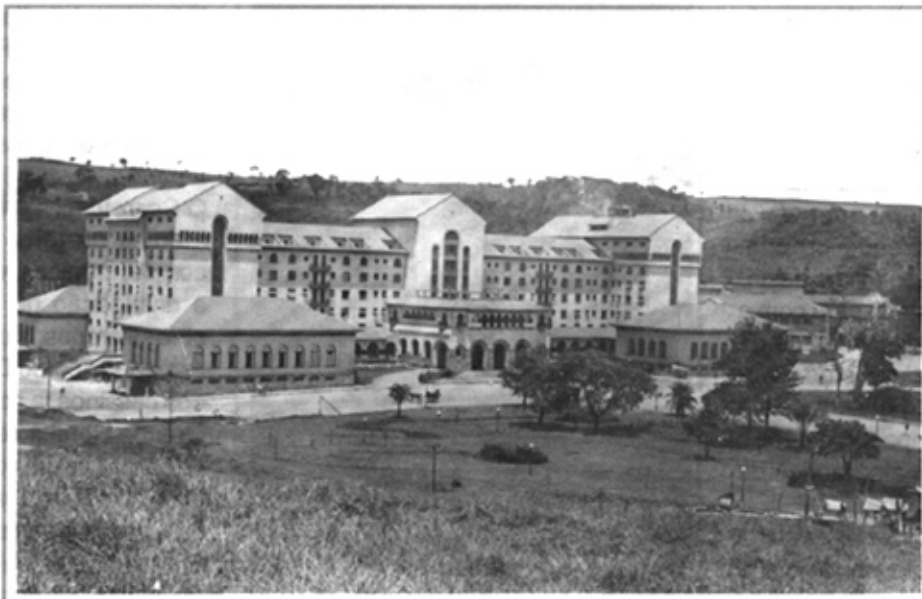
Fazer imprensa no interior mantendo em circulação um jornal semanal (por algumas vezes bi-semanal), por tão longo tempo, é demonstração de persistência, idealismo e determinação. Em 1993, Atanagildo dirigiu, ainda, o "Correio de Ibiá" por um período de três meses.

Ao definir o profissional Atanagildo Côrtes, quando homenageado com a insígnia da Inconfidência em abril de 1977, Dr. Waldir Luiz Costa assim se expressou: "() exemplo de espartano, na luta incessante por uma imprensa sofrida, de balanços frustrantes e alegrias embevecidas, alimenta o **Correio** como se ele fosse a obsessão maior da sua vida. Alma de jornalista herdeiro das tradições de muitos idealistas como Sebastião Gomes, Teodoro de Pinho e outros, que deixaram o nome

ligado à imprensa araxaense. () ... sempre constante, manso e arrulhante como um pombo sem fel, trazendo a mensagem da terra, do casamento, o funeral, os triunfos dos moços na escola e o registro de cada fato digno de nota."

Fonte:

- Arquivos do Correio de Araxá
- Arquivos do Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto
- Depoimentos: Atanagildo Côrtes, Terezinha Maria de Melo Côrtes e José Maria Santos



O Grande Hotel do Barreiro. A notícia mais constante. 1950/1960. Arquivo SPH FCCB. Fotografia de Octávio Fonseca.

O FASCÍNIO DAS ÁGUAS

Há milhares de anos, o caminho até às fontes de águas minerais do Barreiro foi percorrido por animais classificados, segundo os estudiosos, como mamíferos pré-históricos. Esses utilizaram o lugar, provavelmente, para se alimentarem e beberem água. Depois de mortos, alguns deles tiveram os corpos soterrados e misturados à lama. Isso contribuiu para a conservação dos seus ossos até a sua descoberta e retirada do solo, em 1939, início da construção do Grande Hotel, Termas e Fontes.

Muito depois de essas espécies terem usufruído das águas do Barreiro, outras fizeram o mesmo. Embora não haja comprovação científica de que a população indígena que aqui viveu tenha se beneficiado dessa riqueza até o século XVII, é certo que, logo depois disso, estas terras foram novamente ocupadas e seus recursos naturais explorados. Tropeiros e criadores levavam seu gado até o local das fontes, também chamado à época, o Bebedouro. Em função das águas salitradas instaurou-se a prática da pecuária e a formação de Araxá como arraial.

ESTRANGEIROS PESQUISAM

Nesse tempo foi permitida a participação de estrangeiros na exploração mineral, medida decorrente da vinda da família real portuguesa que, em 1808, passou a viver no Brasil. Foi assim que, por Araxá, passaram alguns estudiosos como Saint-Hilaire, Saint-Adolphe e o alemão Eschewege. Todos eles analisaram cientificamente a região e fizeram referências às propriedades da água lançando as bases para muitas outras pesquisas que se realizaram naquele século e no atual.

Como o transporte do sal foi facilitado pela aproximação da estrada de ferro tornou-se desnecessário levar o gado até às fontes. E o Barreiro, aos poucos, deixou de ser um atrativo para os criadores e para a atividade pecuária e transformou-se em um referencial terapêutico.

No final do século XIX e início do XX, os "aquáticos" percorreram também o caminho até às águas. Alguns médicos, junto a outros empreendedores de um turismo incipiente, investiram em tratamentos especializados, instalações balneárias, pensões e hotéis, transporte e até mesmo na divulgação das águas pela imprensa. Daí à fabricação de produtos derivados dessa riqueza mineral foi uma questão de tempo.



Antigo Barreiro, vendo-se a Fonte Andrade Junior. A sub-estação de eletricidade e o Hotel das Fontes. Arquivo SPH FCCB/00315

FÁBRICAS DE COSMÉTICOS (I)

O Trem da História mencionou, por algumas vezes, aspectos históricos relacionados com as águas e a sua importância para Araxá. Agora retorna ao mesmo tema, porém divulgando novos dados como clara demonstração do caráter dinâmico da história e da própria pesquisa.

Tratando-se especificamente da fabricação de produtos cosméticos, já sabemos que, a esse respeito, o Conselheiro J. M. Caminhoá, um dos que se dedicaram ao estudo da estância, em 1890 já sugeria o seu uso industrial na fabricação de sabonetes.

Já se sabe também que data de 1918 a criação, possivelmente, da primeira fábrica do ramo, a "Fábrica de Sabonetes Finos Medicinais" de F. C. Epiphânio. Seus produtos eram vendidos, inclusive, através dos Correios. Sua propaganda indicava que os sabonetes traziam, na bula, atestados assinados por médicos da cidade, tais como, Dr. Mário de Magalhães, Dr. Pedro Pezzuti, Dr. Almeida Machado, Dr. Franklin de Castro, Dr. Lauro Magalhães.

Outro estabelecimento industrial do período, a "Grande Fábrica dos Legítimos Sabonetes de Araxá", de propriedade do farmacêutico Luiz Correa, divulgava, em 1928, o sabonete premiado e registrado com três marcas: ARAXAENSE, ARAXÁ E ARAXALINO. Cogitou-se a possibilidade das três marcas estarem relacionadas às três mulheres que inspiraram o poeta Manuel Bandeira (1886-1968) em BALADA DAS TRÊS MULHERES DO SABONETE ARAXÁ e que, há muito, vem despertando-nos o interesse em desvendar as circunstâncias históricas em que foi composto.

A VERDADEIRA HISTÓRIA

Na verdade, o poema publicado pelo autor em seu livro "Estrela da Manhã", em 1936, deveu-se a outro produto, também fabricado com base nas águas, na lama e no sal sulfuroso.

Pesquisas recentes comprovam que a fábrica de F. C. Epiphânio, instalada no início do século na antiga Avenida Lavapés, foi vendida, posteriormente, a Vitório Marçolla que a transferiu para Belo Horizonte. Os seus produtos cosméticos mantiveram os mesmos componentes daqueles aqui

produzidos, conservaram o mesmo nome "Araxá" e passaram a ser vendidos na capital mineira através da Perfumaria Marçolla.

E foi exatamente um cartaz, com a imagem de três mulheres, anunciando o sabonete e a perfumaria por ele responsável, que se transformou em tema literário como tantos outros, segundo os estudiosos, encontrados na obra de Manuel Bandeira.

O ESTUDO LITERÁRIO

Um estudo de literatura brasileira que buscou conhecer a origem e a forma como o poema foi composto concluiu que foi ele "escrito após o poeta ter visto, em um bar de Teresópolis, a propaganda do sabonete".

Esse estudo evidenciou aspectos significativos da sua composição. O estilo simples e natural do autor foi aí revelado não só através de palavras usadas no cotidiano, mas também através da sua liberdade de criação. Nota-se a quebra da métrica tradicional e a utilização de versos livres. "Balada das Três..." sugere humor, outra característica do poeta, no próprio título que, segundo a citada análise, contraria as regras de metrificação exigidas para a definição de uma balada. Nela foram utilizados, ainda, outros recursos de construção. A exemplo, o reaproveitamento de textos, palavras ou versos de outros autores como Olavo Bilac, Lamartine Babo, Castro Alves, Mário de Andrade e até mesmo, Oscar Wilde e Shakespeare. Mas a referência principal de sua composição foi, segundo constatou-se, o poema intitulado "As Três Irmãs", de autoria de Luís Delfino, poeta brasileiro do parnasianismo.

O desejo e o encantamento pelas três mulheres parece evidente, inclusive pelo uso do verbo do idioma francês *boulevarier* (traduzindo: transtornar, perturbar, comover) e pela disposição de o autor tudo dar em troca dessas mulheres, até mesmo o seu reino.

Outras idéias, porém, poderiam ficar subentendidas a uma primeira leitura apenas. O estudo de "Balada ..." concluiu o motivo do desejo sugerido para as quatro horas da tarde. Neste horário encerrava-se o expediente de trabalho quando, provavelmente, Manuel Bandeira tinha o hábito de ir ao local onde se via o cartaz das três mulheres.

O ANÚNCIO

A identificação das três mulheres foi possível graças a um anúncio da Revista "Eu Sei Tudo", de 1937. Tal qual o cartaz que inspirou o poeta em 1931, essa revista também divulgava o sabonete.

As mulheres aunciavam um "produto da Ciência a serviço da Belleza", indicando-o inclusive às crianças. As três são, na realidade, um perfil desenhado com a respectiva assinatura do autor, um rosto fotografado destacando a pele feminina e um corpo inteiro, de costas e recoberto por uma toalha, registrando o momento de preparação ao banho e ao uso do produto. Duas delas, mostravam a embalagem sob dois ângulos diferentes. Embora não seja possível visualizá-la com nitidez, trazia a imagem do Grande Hotel, das Termas e da lagoa, com a indicação de que era fabricado com a lama de Araxá e dosado pelo Prof. Dr. Antônio Aleixo, especialista em doenças de pele. A outra mulher, identificada por Manuel Bandeira como "a mais nua", tinha sua imagem associada à do sabonete desembalado e nele registrada a marca Araxá.

FÁBRICAS DE COSMÉTICOS (II)

A partir da década de 1940, quando o turismo tomou novo impulso com a construção do Complexo do Barreiro, as perspectivas na área da produção de cosméticos incentivaram novos empreendimentos.

Em 1941, Geraldo Porfírio Botelho e Dâmaso Drummond criaram uma "Fábrica de Sabonetes Araxá", depois vendida a Dr. Christiano Barsante Santos e ao Farmacêutico Clóvis Cardoso Júnior. A fábrica persistiu e, mais tarde, com o primeiro sócio como único



"Aquáticos" na Fonte Radioativa. Década de 20. Arquivo SPH/FCCB/0019. Doação de Leonilda Montandon Scarpellini.

proprietário, desenvolveu uma linha de perfumaria e chegou a produzir de 3 a 4000 sabonetes por dia. O número de funcionários variava entre quinze e vinte. Os sabonetes eram embalados em papel de seda, depois revestidos por outro que trazia a imagem da Fonte Dona Beja, numa produção de Weiss e Cia., de São Paulo, onde se concentrava a maior parte dos consumidores. Na Galeria do Grande Hotel uma loja comercializava a produção e também objetos de arte. Eram os turistas que, de fato, prestigiavam o produto. Os araxaenses, pouco o utilizavam.

Ao que parece, ainda hoje, parte desta mesma fábrica mantém suas atividades na cidade mineira de Formiga desde que foi vendida aos Irmãos Barbosa em 1962. A outra parte, foi vendida, na mesma época, para Uberaba.

A atual "Fábrica de Sabão Araxá", fundada em 1951 por Abdanur Elias, desde a década de 60 produz o creme de lama sulfurosa e o creme de sal sulfuroso. Hoje, sua produção está ampliada e extrapola a matéria-prima utilizada no início. Os produtos são vendidos em todo o país, para alguns países da América do Sul e, mais recentemente, para Portugal.

Historicamente, o nome Araxá sempre estimulou a produção e a comercialização de cos-



Fonte Radioativa em 1927. Arquivo SPH FCCB/00123.

BALADA DAS TRÊS MULHERES DO SABONETE ARAXÁ

MANUEL BANDEIRA

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam,
me bouleversam, me hipnotizam.
Oh, as três mulheres do sabonete de Araxá às 4 horas da tarde!

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Que outros, não eu, a pedra cortem

Para brutais vos adorarem,
Ó brancaranas azedas,

Mulatas cor da lua vem saindo cor de prata

Ou celestes africanas:

Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete Araxá!

São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete Araxá?

São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?

São as três Marias?

Meu Deus, serão as três Marias?
A mais nua é doirada borboleta.

Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida, dava pra beber e nunca mais telefonava.

Mas se a terceira morresse... Oh, então nunca mais a minha vida outrora teria sido um festim!

Se me perguntassem: queres ser estrela? queres ser rei?

queres uma ilha no Pacífico? um bangalô em Copacabana?

Eu responderia: Não quero nada disso, tetrarca. Eu só quero as três mulheres do sabonete Araxá:

O meu reino pela três mulheres do sabonete Araxá!

Teresópolis, 1931

Fonte:

- Arquivos do Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto
- Análise do poema "Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá", in *Estrela da Manhã*, de Manuel Bandeira. Trabalho de Literatura Brasileira do Curso de Letras da FAFIL - Santo André - sob a orientação da Profª. Maria de Lourdes Ruegger Silva.
- Revista Eu Sei Tudo, RJ, Dezembro/1936, Abril/Maio 1937. Arquivos do IEB - SP
- IGLÉSIAS, Francisco. *Trajatória Política do Brasil 1500-1964*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- Depoimentos: Francisco de Castro Valente Neto, Sílvia de Almeida Barsante.
- Agradecimentos: Izabel Batista Bueno e Márcia Regina Flausino.

méticos. Novos investimentos nessa área poderão retomar um novo caminho para as fontes em busca das águas e de suas propriedades medicinais. Em função do alcance das grandes campanhas publicitárias da atualidade, quem sabe um novo poeta poderá, mais uma vez, eternizar a riqueza mineral de Araxá via literatura?